Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 1, Edição Especial. 2020.
Missões

EX-LÍBRIS: FORMAS CULTURAIS DE MEMÓRIA

BOOKPLATES: CULTURAL FORMS OF MEMORY

Recebido em 20/04/2020
Aceito em 26/05/2020

Márcia Della Flora Cortes[1]
João Fernando Igansi Nunes[2]

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre os ex-líbris, marcas de propriedade de livros que indicam a quem pertence uma obra, como objetos que são mediadores sociais, uma vez que contém substrato para ativar lembranças e recordações por meio dos seus rastros. Como metodologia elaborou-se uma revisão de literatura a partir de temáticas que envolvem a memória, rastros, suportes de memória, objetos e ex-líbris em teóricos como: Assmann (2011), Ricoeur (2007), Nora (1993), Cassirer (1994), Moles (1974), Bertinazzo (2012) e Machado (2014). Observa-se que os ex-líbris registram ações, culturas e aspectos sociais dos indivíduos que viviam em determinado grupo social, materializando características que testemunham o passado. Conclui-se que esses mediadores participam do processo de transformação da memória em história e estabelecem relações sociais, documentando o passado e, com isso, tornam-se lugares de memória.

Palavras-chave: Ex-líbris; Memória; Rastros; Mediador social.

Abstract: This article aims to reflect on the bookplates, marks of ownership of books that indicate who owns a work, as objects that are social mediators, since it contains substrate to activate souvenirs and remembrances through their tracks. As methodology, a literature review was elaborated based on themes involving memory, tracks, memory supports, objects and bookplates in theorists such as: Assmann (2011), Ricoeur (2007), Nora (1993), Cassirer (1994), Moles (1974), Bertinazzo (2012) and Machado (2014). It is observed that the bookplates register actions, cultures and social aspects of individuals who lived in a given social group, materializing characteristics that testify to the past. It is concluded that these mediators participate in the process of transforming memory into history and establish social relationships, documenting the past and, with that, become places of memory.

Keywords: Bookplates; Memory; Traces; Social mediator.

[1]Bibliotecária. Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). E-mail: marciadfc@yahoo.com.br
[2]Docente na Universidade Federal de Pelotas. Coordenador de Arte e Inclusão. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). E-mail: fernandoigansi@gmail.com

INTRODUÇÃO

A memória não está apenas na mente humana, ela pode ser materializada em objetos, como os ex-líbris[3]. Esses artefatos tem a capacidade de representar o mundo objetivo e subjetivo dos homens, a partir dos seus pensamentos e visões de mundo.

O ex-líbris surgiu atrelado ao livro e é elaborado por artistas para proprietários que desejam marcar a posse desse objeto informacional. Como esclarece Bertinazzo (2012), há um trabalho cooperativo e conjunto entre o dono do livro e o artista que executa a marca de propriedade e resulta na construção de uma identidade.

Considerando a importância desse objeto para marcar coleções, indicar proveniência e selar relações sociais, o presente artigo tem o objetivo de refletir sobre os ex-líbris, como objetos que são mediadores sociais, uma vez que contém substrato para ativar lembranças e recordações através dos seus rastros.

Como metodologia elaborou-se uma revisão de literatura a partir de temáticas que envolvem a memória, rastros, suportes de memória, objetos e ex-líbris em teóricos como: Assmann (2011), Ricoeur (2007), Nora (1993), Cassirer (1994), Moles (1974), Bertinazzo (2012), Machado (2014). Observa-se que os ex-líbris registram ações, culturas e aspectos sociais dos indivíduos que viviam em determinado grupo social, materializando características que testemunham o passado. Conclui-se que esses mediadores participam do processo de transformação da memória em história e estabelecem relações sociais, entre um indivíduo e um livro.

EX-LÍBRIS: BREVES CONSIDERAÇÕES

A posse de livros, desde o surgimento desse objeto, confere prestígio social a quem os detém. Pode-se dizer que o livro também é um símbolo de poder, e com isso, aqueles que participavam de seu processo de criação queriam deixar a sua marca na história dos volumes. Conforme Machado (2003), por volta do século XV, os livros já possuiam marcas de tipógrafos, livreiros e, no entanto, faltava a marca para identificar o proprietário. Enquanto as marcas dos tipógrafos eram intrínsecas a fabricação do livro,

[3] A palavra ex-líbris é escrita nesse texto conforme a explicação de Machado (2014, p. 43) que afirma "Em português, desde o início, consagrou-se a palavra com dois elementos unidos por hífen: ex-líbris". Nos casos em que houveram citações, a grafia foi utilizada conforme a respectiva fonte.

no momento de sua produção, a marca de livreiro era adicionada posteriormente, assim como o ex-líbris.

O ex-líbris, é uma marca utilizada para identificar e representar proprietários de livros, sejam indivíduos ou instituições. Conforme Bertinazzo (2012), embora tenham sido utilizados na Idade Média, se consolidaram no Renascimento com a difusão do livro tipográfico. A partir da prensa de Gutenberg, a produção de livros tornou-se mais rápida e acessível, mas ainda cara e restrita a poucas pessoas, motivando a utilização de ex-líbris por aristocratas, o clero e a nobreza.

> Ex libris é uma expressão latina, formada pelo ablativo plural de liber (libris) e a preposição indicativa de proveniência. Em bom português se traduz por "dos livros de". Em sentido abrangente, significa marca de posse de um livro expressa através de assinatura, carimbo, etiqueta ou outro meio qualquer (MACHADO, 2014, p. 11).

Segundo Machado (2012), a assinatura é uma das mais antigas formas utilizadas para marcar a posse de livros, entretanto o ex-líbris gravado, que surgiu por volta do século XV na Alemanha, possui um carácter muito mais artístico e elegante para identificar a posse de livros. Conforme Germano (1958 apud POTTKER, 2006), os ex-líbris podem ser manuscritos ou impressos. Os impressos dividem-se em carimbados, tipográficos e gravados.

Observa-se que autores atribuem diferentes categorias tipológicas quanto ao meio de produção, e destaca-se aqui a classificação da Federação Internacional de Sociedades de Ex-líbris (FISAE), baseada na técnica, no tipo de impressão e matriz utilizada, estabelecida em um Congresso ocorrido em 1958 que foi revisado na Dinamarca em 2002:

a) Impressão a entalhe: Ocorre quando a tinta se deposita nos sulcos ou entalhes feitos pelo artista. A imagem será definida a partir das partes entalhadas. Engloba os ex-líbris produzidos por buril, água-forte, água-tinta, ponta-seca; gravura em aço, gravura em cobre, heliogravura.

b) Impressão em relevo: Ao contrário da impressão a entalhe, a imagem se forma a partir de uma superfície em relevo entintada. Engloba os ex-líbris produzidos por clichê, xilogravura, tipografia, linoleogravura, gravura em plástico;

c) Impressão planográfica: Ocorre quando a superfície da matriz é regular e tanto as partes entintadas quanto as não entintadas estão no mesmo nível, assim a tinta se deposita na superfície plana. Engloba ex-líbris produzidos por: litografia, offset, serigrafia, fotocópia, etc.

Além do modo de produção, os ex-líbris podem ser categorizados por temáticas e estilos, entre os principais, destacam-se: heráldicos, simbólicos, paisagísticos, eróticos, decorativos, faunísticos. Bertinazzo (2012) ainda acrescenta temáticas mais modernas, tais como a abstrata e a geométrica. Observa-se que diversas temáticas podem compor um ex-líbris, aliás, um único poderá incluir mais de uma, e nesse caso, é misto.

Na história da produção de ex-líbris, conforme Francesc Orenes (2003), destacam-se dois importantes períodos, o Clássico e o Moderno. O primeiro iniciou no século XV e predominou até o final do século XIX com ex-líbris heráldicos. A partir daí, o movimento modernista passou a influenciar a criação dessas marcas de propriedade, provocando uma regeneração estética com a introdução de cores e formas que concediam um maior caráter artístico e criativo, com o objetivo de buscar no novo uma identidade e liberdade criadora. Destaca-se que o ex-líbris tornou-se objeto de estudo e reunião de amadores.

> No sentido restrito, que se impôs a partir do final do século XIX, é uma pequena gravura, emitida em série, que se cola na contracapa ou na guarda do livro, como símbolo de propriedade, na qual figuram a expressão *ex libris*, uma ilustração (brasão, monograma, alegoria, etc.), o nome do titular e uma divisa, nenhum desses itens sendo obrigatório (MACHADO, 2014, p. 11).

O ex-líbris, portanto, a partir da concepção surgida no final do século XIX é composto por signos plásticos, linguísticos e iconográficos que materializam a memória, o pensamento e a história de uma época. Logo, tem a capacidade de registrar e lembrar gostos, profissões, relações sociais, afetos, paisagens, tendências morais e intelectuais de um proprietário que vivia no interior de um grupo social. Como exemplo citam-se ex-líbris produzidos pelo artista brasileiro Alberto Lima:

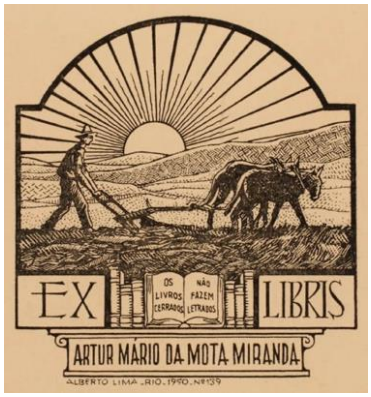
Figura 1 – Ex-líbris de Waldemar Bergamini de Sá.



Fonte: Frederikshavn Kunstmuseum

O ex-líbris produzido no ano de 1940 pelo artista brasileiro Alberto Lima, representa uma construção arquitetônica, uma paisagem cultural construída pelo homem, descrita como "Chafariz da carioca 1843", para Waldemar Bergamini de Sa, em uma imagem formada em traços e linhas, clichê. O chafariz da carioca foi um importante local de abastecimento de água da cidade, e como descreve Segre et al (2012) na sua volta reuniam-se lavadeiras, brancos, mulatos, negros e escravos, constituindo um local de aglutinação social e um espaço público de valor simbólico. Observa-se ainda alguns símbolos como compasso e esquadro de maçons, e a balança como representação do direito. Segundo o Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex Libris Bertinazzo (1949 apud Bertinazzo 2012), o ex-líbris mostra o amor do proprietário pela cidade carioca, assim como pela gente que nele habita. O ex-líbris possuí como dimensões: 55mm x 46mm.

Figura 2 – Ex-líbris de Artur Mário da Mota Miranda



Fonte: Frederikshavn Kunstmuseum

O ex-líbris produzido no ano de 1950 pelo artista brasileiro Alberto Lima, representa o árduo trabalho braçal do homem do campo. A divisa "Os livros cerrados, não fazem letrados" aponta que livros fechados não transmitem conhecimento e aquele que não estuda precisa a força de seu trabalho. A imagem apresenta como elementos uma paisagem rural, o sol, dois animais, a força de trabalho, um homem e livros. O português Artur Mário da Mota Miranda, importante colecionador de ex-líbris, dedicado ao estudo desse objeto, conforme aponta Gauz (2012), foi presidente da "Associação Portuense de Ex-Libris", publicando de 1956 a 1990 na revista "A arte do Ex-Libris". Além disso, dedicou-se a outras publicações, as quais demonstram seu empenho no estudo dessa temática, como "Ex-libris - enciclopédia bio-bibliográfica da arte do ex-libris contemporâneo", em 30 volumes e "Contemporary International Ex-Libris Artists". O ex-líbris possuí como dimensões: 75mm x 70mm.

Figura 3 – Ex-líbris de Maciel Pinheiro



Fonte: Frederikshavn Kunstmuseum

O ex-líbris produzido no ano de 1949 pelo artista brasileiro Alberto Lima para Maciel Pinheiro, em uma imagem formada em traços e linhas, clichê apresenta um óculos sobre uma mesa e um livro fechado, com a palavra "Perseverança". Ainda faz parte da imagem um porta retrato, onde aparece uma lamparina e livro, dando a ideia de luz do conhecimento e persistência. O ex-líbris possuí como dimensões: 57mm x 51mm.

Figura 4 – Ex-líbris de Ary Pavão



Fonte: Bodmer

O ex-líbris produzido no ano de 1925 pelo artista brasileiro Alberto Lima, destaca-se por ser o primeiro produzido em estilo art déco no país. Segundo Bertinazzo (2012, p. 214), "Este exemplar apresenta características marcantes do estilo ornamental Arte Nova, como a representação feminina com curvas (formas alongadas e esbeltas) demonstrando leveza, elasticidade e juventude."

Observa-se nas imagens das figuras 1, 2, 3 e 4 a diversidade de motivos existentes nos ex-líbris refletem a personalidade e aspectos relacionados ao mundo no qual vivem os proprietários, bibliófilos e colecionadores desse objeto.

O carácter artístico dos ex-líbris passou a atrair a atenção de bibliófilos e colecionadores que começaram a utilizar e colecionar esse objeto, no século XIX. Conforme Bertinazzo (2012, p. 39) "A gravura brasileira é uma de nossas mais importantes manifestações artísticas, tanto em sua vertente erudita quanto na popular, inclusive com premiações internacionais [...]" enriquecendo o objeto e ampliando seu valor artístico. Essa mesma autora diz que "O *ex libris* pode ser definido como uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colado na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o" (BERTINAZZO, 2012, p. 25).

Bertinazzo (2012, p. 41, destaque da autora) ainda esclarece que "No século XIX o ex-librismo torna-se uma "coqueluche". Com a vinda da Corte em 1808, esse hábito cultural se difunde também pelo Brasil, onde teve forte presença até os anos de 1960".

Entre os artistas que mais se destacaram na produção nacional estão: Correia Dias, Carlos Oswald, Adolf Kohler, Alberto Lima e Jorge de Oliveira. A criação da Sociedade dos Amadores Brasileiros de Ex-líbris (SABEL) impulsionou o interesse por esse objeto no país, assim como as exposições realizadas que davam maior visibilidade ao mesmo.

Embora ainda bastante desconhecido no Brasil, o ex-líbris chega ao século XXI, enfrentando dificuldades e desafios para não ficar no obscurantismo. Entre o final do século XX e início do século XXI, alguns estudiosos, colecionadores, artistas tem levado adiante essa prática cultural, ainda que bastante tímida e restrita nesse país.

VESTÍGIOS, RASTROS E MEMÓRIA

A memória exerce um papel essencial na vida humana, se não praticamente vital, a medida que nos dá consciência de quem somos, de onde saímos, para onde vamos e quais são nossos objetivos. Sem a memória, não teríamos identidade, não teríamos em mente traços do passado que constituem a nossa personalidade e nos dão condições de tomar decisões importantes na nossa vida. Nesse contexto, os rastros e vestígios são importantes testemunhos do passado, pois são eles que nos possibilitam recordar.

Segundo Assmann (2011), os estudos sobre a memória se dividem em arte (*ars*) e potência (*vis*). A arte da memória, usada no sentido de técnica, como a mnemotécnica romana, visa armazenar e recuperar informações inseridas na memória. A autora chama o *armazenamento* de:

> [...] o caminho até a memória intitulado "arte", e com isso compreender todo o procedimento mecânico que objetiva a identidade entre o depósito e a recuperação de informações. Quando esse procedimento se apoia em meios materiais, essa exigência parece óbvia, como quando escrevemos uma carta a alguém: podemos ter a certeza de que, quando ela chegar a seu destino, todas as palavras ali escritas também chegarão ao destinatário, e não uma certa porcentagem do texto original. O mesmo vale para um livro que compramos e para os dados que armazenamos em um computador (ASSMANN, 2011, p. 33).

Os suportes materiais abrem caminho para chegarmos à memória que é fixada na materialidade de objetos, como os ex-líbris. Além dos meios materiais, Assmann (2011, p. 33) esclarece que o homem armazena na memória humana "como atesta a arte da mnemotécnica".

No entanto, no que tange o ato de recordar, como potencia de memória, não ocorre de forma deliberada. Segundo Assman "Enquanto o tempo interfere no processo da memória, há um deslocamento fundamental entre o que foi arquivado e sua recuperação" considerando-se que o armazenamento ocorre na prática contra o tempo e o esquecimento, já a recordação "por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo" (ASSMANN, 2011, p. 34).

A autora reconhece que o processo de recordar é oposto ao processo de arquivar e esclarece que quando se recorda algo, toma-se consciência disso posteriormente. Nesse contexto, os ex-líbris envolvem o ato de recordar e também o ato de arquivar, pois quando se olha para esse objeto, encontra-se uma técnica artista, encontra-se signos plásticos, linguísticos e iconográficos que representam um indivíduo.

Os vestígios nos conectam ao passado e sobretudo, testemunham a vida de um período ausente, no presente. Incluem além da escrita (testemunhas falantes), as imagens (testemunhas mudas) e tantos outros fragmentos de uma época.

> Com o conceito de vestígio amplia-se para além dos textos o espectro das "inscrições" e estende-se às imagens fotográficas e às ações efetivas no objeto e por meio de objetos. O passo que leva dos textos aos vestígios e objetos remanescentes como testemunhas significantes do passado corresponde a um passo que leva da escrita como signo linguístico intencional ao vestígio como cunhagem material que, embora não seja concebido como signo, pode ser lido posteriormente como tal (ASSMANN, 2011, p. 227).

Nesse contexto, os ex-líbris atuam como conectores entre um tempo vivido e um tempo universal, ao representar um outro momento histórico por narrativas visuais. Essas marcas de propriedade tornam-se assim vestígios, fontes de pesquisa a historiadores que transformam a memória ali depositada em história.

Ricoeur (2007), ao abordar a fenomenologia da memória, distingue três espécies de rastros: os documentais que envolvem a operação historiográfica; os psíquicos que nos dão as impressões diante de fatos marcantes; e os cerebrais, trabalhados pela neurociência. (RICOEUR, 2007, p. 425).

A partir da metáfora do bloco de cera, Ricoeur (2007) explica que temos lembranças que apresentam-se por meio de traços, signos de algo ausente. Os rastros, na perspectiva dos ex-líbris são o resultado da ação de um artista e da ideia de um possuidor

de livros sobre um impresso gráfico para representar a memória e identidade do proprietário.

Esses rastros indicam que algo passou, e nos dão possibilidade de resgatar a história a partir de narrativas visuais presentes nas marcas de propriedade, fundamentalmente ligadas ao documento (livro), no qual está inserido o rastro. Logo, tem-se um rastro no presente, ao mesmo tempo em que é móvel, também figura-se estático porque representa fatos referentes a hábitos sociais, usos, costumes, fatos que já aconteceram e é visível no momento em que é reconhecida como uma marca, num sentido mais duradouro.

Ricoeur (2007, p. 107), esclarece a importância dos rastros como indícios para a história que nos conectam ao passado uma vez que "ao lembrar de algo, alguém se lembra de si". Logo, os rastros são suportes para a memória.

FORMAS CULTURAIS DE MEMÓRIA

A memória cultural, segundo Assmann (2011, p. 17), transcende ao tempo de vida dos indivíduos, "supera épocas e é guardada em textos normativos". Essa memória refere-se a lembranças objetivadas que são ao longo das gerações repassadas, armazenadas e incorporadas pela sociedade adquirindo um carácter simbólico materializado, sobretudo em monumentos, textos, objetos e suportes de memória que possuem um significado especial aos indivíduos.

Assmann (2011) ressalta que a memória cultural é artificial uma vez que é produzida no bojo de uma sociedade para fazer recordar e depende de mídias, ou seja, de museus, de arquivos e artefatos de memória. Ademais, podemos incluir os ex-líbris nesse rol de suportes que constituem a memória cultural permitindo que esse artefato impresso tenha chegado ao século XXI, como um vestígio do passado. A partir dessa concepção, o ex-líbris, imbuído pela memória cultural, atua como uma espécie de gatilho que ativa significados relacionados a fatos ocorridos num outro tempo.

Para essa mesma autora, a memória experiencial, vivenciada por testemunhos de uma época ocorre de forma espontânea nos indivíduos. E para garantir que essa memória chegue ao futuro, é preciso fixá-la num suporte mnemônico, transformando-a em memória cultural da posteridade a qual preservará ao longo da história. Ao contrário da memória experiencial que é viva e ocorre livremente no psíquico do homem, a memória

cultural em nível coletivo e institucional que depende de mídias está sujeita a politicas de recordação e esquecimento e por isso "traz consigo o risco da deformação, da redução e da instrumentalização da recordação" (ASSMANN, 2011, p. 19).

Nesse contexto, os ex-líbris tem o importante papel de recordar a vida pública de um passado, recente ou não, significativo para a memória da cultura contemporânea, por retratar técnicas e aspectos culturais e sociais de indivíduos. A partir da memória cultural, cristalizada em impressos gráficos o homem cria representações a respeito de si mesmo, de fatos e do passado construindo a sua identidade cultural. Tem-se assim, um objeto que traz a lume toda a herança simbólica de indivíduos e instituições, enraizados em fatos sociais e imaginários coletivos que compõe a memória social. Pensar o ex-líbris como um suporte mnemônico (da memória cultural) é reconhecer seu potencial de evocar lembranças colocando-se as narrativas dos sujeitos criadores, proprietário e artista, a serviço da construção de um passado histórico.

A intrínseca relação entre memória e identidade é que dá sentido ao patrimônio, ao reconhecimento e faz surgir o sentimento de pertencimento de uma comunidade pelos bens que guarda. Em torno das relações tecidas entre os sujeitos e seus objetos é possível compreender como se dá a preservação cultural e simbólica. Quando um ex-líbris não é apenas um objeto que marca a propriedade, mas possui significado e, portanto, valor, ele passa a ser compreendido como documento, uma forma cultural de memória.

O ato de recordar e também de representar o mundo em que vive um indivíduo ou uma coletividade perpassa por elementos de carácter normativo, pois as pessoas comportam-se dentro de um quadro social onde imperam modos instituídos de como agir, de como pensar e de como lembrar. Assim, o ex-líbris expressa esses modos e visões de mundo através de suas representações tornando-se fonte para o estudo da cultura, das construções identitárias e imaginários sociais que compõe a dinâmica de vida social.

O ex-líbris torna-se assim um espaço de representações sociais, onde pode-se observar a (re) produção da vida do homem em sociedade, assim como contradições e ambiguidades presentes nas interações sociais. Ademais, essas representações resultam daquilo que o homem concebe, percebe e vivencia dentro de um grupo social e nelas residem ideologias, utopias, inseguranças, medos, saberes e uma variedade de sentimentos que permeiam a vida humana.

As representações sociais se materializam nos ex-líbris por meio de signos, plásticos, linguísticos e icônicos que são carregados de significados e tem grande importância na recuperação do passado. Constituem assim imagens, que são definidas por Assmann (2011, p. 237) como "potencial affeccional incontrolável, faz desse *medium* de memória, para quem se distancia dos textos como testemunhos desfiguradores, o suporte privilegiado do inconsciente cultural."

Para Assmann (2011), imagens são meios de memória capazes de afetar a imaginação e com isso detém força de cunhar impressões. A autora ainda esclarece que *imagines agentes* "São imagens de grande efeito que, por sua força impressiva, são inesquecíveis e por isso podem ser utilizadas como suporte memorativo para conceitos pálidos" (ASSMANN, 2011, p. 239). Com isso, o afeto é basilar para recordar a medida que nos possibilita criar imagens e associações tão semelhantes a ponto de nos impressionar. Além disso, imagens atreladas a um discurso, a signos que por si só narram fatos, tornam-se significativas, como os ex-líbris, para intensificar o teor expressivo e fixar memórias.

Nesse sentido, os ex-líbris podem ser pensados como formas culturais de memória, sobretudo por mediar relações sociais estabelecidas entre homens e objetos baseadas, originalmente, no reconhecimento da posse de livros através de signos. Essa marca de propriedade, ao testemunhar experiências de vida é vocacionada a armazenar uma memória e com suas características materiais, simbólicas e funcionais se cristaliza como um "lugar de memória".

> Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (NORA, 1993, p. 12-13).

Os lugares de memória encarnam ilusões de uma eternidade que foi esfacelada no tempo. Esses espaços, por vezes, vazios de sentido sob a ótica de uma sociedade efêmera e consumista "nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações... porque essas operações não são naturais" (NORA, 1993, p. 13).

O espírito humano encontra nesse meio impresso, um lugar para exercitar a rememoração, e enquanto um ato de amor aos livros é dotado de significados e simbologias que fazem sentido especialmente ao possuidor. No entanto, vive-se um tempo em que a memória espontânea diluiu-se (NORA, 1993) em meio a uma sociedade imediatista e hedonista, onde prevalece o sentimento de que não há mais memória e nesse cenário o ex-líbris revela-se uma prática cultural, uma arte e uma técnica comprometida em salvar rastros do passado.

Observa-se que ao mesmo tempo que esses lugares buscam salvar a memória do esquecimento, são as testemunhas de um passado, que embora não mais vivido em lembranças, é petrificado pela história e com isso reserva ao futuro vestígios que lutam contra o desaparecimento.

Para Cassirer (1994) o homem relaciona-se com o mundo a sua volta a partir de formas simbólicas, uma vez que por natureza, é produtor de símbolos e signos aos quais atribui significados.

> A forma simbólica é a energia espiritual que reúne o material sensível com o intelectual, ou seja, a forma simbólica está entre o fato em si e sua significação. A produção do simbólico é condição imprescindível para a captação do sensível, possibilitando a relação do homem com o mundo (FURLANETTO, 2012, p. 37).

Com isso, o homem produz símbolos, assim como os ex-líbris, que constituem construções realizadas para atender a uma necessidade dentro da sua própria realidade. Esses símbolos fazem parte de um mundo subjetivo de quem o atribui, enquanto que os signos são sinais, rastros reais e efetivos dentro da sociedade. Furlanetto (2012, p. 38) esclarece que "Os símbolos são elementos formais universais que constituem a trama na qual a realidade pode ser articulada, apreendida e recriada".

As sociedades possuem um rol de objetos físicos, fundamentais para promover a experiência humana, que possuem qualidades específicas em culturas diferentes, entretanto possuem a mesma atividade simbólica.

O EX-LÍBRIS COMO MEDIADOR SOCIAL

Tomando por emprestado as ideias de Moles (1974), os objetos tornaram-se essenciais para facilitar a vida humana e estão no entorno social transmitindo informações

e valores. Eles são mediadores de relações entre o homem e a sociedade, permeando ações e reações, sendo que "El papel fundamental del objeto es resolver o modificar uma situación mediante um acto en el que se *utilice* (raíz de las palavras utensilio e útil)". (MOLES, 1974, p. 15).

Nessa mesma perspectiva, o ex-líbris surgiu com a pretensão de ser um objeto prático e útil, numa sociedade que desejava marcar a propriedade de seus livros, ao mesmo tempo em que protegia-se de furtos e evidenciava a posição social de indivíduos. Esse objeto se converte em um verdadeiro testemunho de atividades, modos e espírito de uma época.

Moles (1974), situa o conceito de objeto na sociedade industrial, como um produto manufaturado que transformou a relação do homem em seu habitat. O ex-líbris, inicialmente como um produto autentico que por natureza distingue homens e seus costumes, diferentemente de produtos industriais homogêneos e idênticos, personaliza a posse e torna-se símbolo de poder.

O ex-líbris possui papeis sociais a partir das funções que desempenha, enquanto marca de propriedade, objeto de coleção ou objeto de exposição em galerias de arte. Em todas cumpre um papel mediador entre um indivíduo ou instituição e um item bibliográfico, estabelecendo e selando uma relação social. Por vezes, leva o indivíduo a uma catarse de seus desejos, cumpre uma função estética e se converte em um mediador entre o indivíduo e a sociedade.

O objeto é portador de signos que essencialmente comunicam algo e mostram o mundo subjetivo da percepção dos indivíduos em relação ao meio que estão inseridos e com isso são a demonstração da existência de um sistema social que envolve, encomendadores, artistas e apreciadores de ex-líbris.

Pode-se destacar vários aspectos do ex-líbris como meio de comunicação: os aspectos plásticos que revelam as formas, cores, linhas que permitem uma percepção aos olhos, ao tato e estimulam reações; os aspectos linguísticos que codificam a língua são essenciais para delimitar as informações e por fim, os aspectos iconográficos que revelam semelhanças com a realidade.

O ex-líbris é assim, um mediador social, a partir de um indivíduo chega à sociedade, ou seja, parte de um universo individual que atinge um universo coletivo. Perpassam por esses objetos valores, tais como: estético, artístico, econômico, científico,

histórico e afetivo, que, por vezes, relacionam-se mais com quem os atribui do que propriamente com os artefatos, assim como os significados, dizem mais sobre quem os detém do que com o próprio ex-líbris.

Com isso, os ex-líbris são conectores, interconectam indivíduos e objetos e mesmo que estejam apenas expostos ao olhar, sem ter um valor de "uso", possuem significado para quem os guarda, evocando recordações e despertando memórias de outra época. As materialidades dos objetos ajudam a nos contar a história do homem, seus valores e crenças e, portanto, ao mesmo tempo que o homem cria ex-líbris são por eles construídos visto que ajudam a delinear sua identidade.

Para Mendoza (2005) guardamos objetos, por vezes triviais porque são apoios para a memória e no momento em que desejarmos evocar o passado teremos então aquele suporte físico para lembrar. "Por lo tanto, no necessitan tener um valor de uso futuro concreto y determinado, y pueden asumir el valor de memória objetal em variados aspectos, según quién sea luego el sujeto que conecte co ellos mediante su exhibición futura". (MENDOZA, 2005, p. 219). Resumidamente, Pearce (2005, p. 13) diz que "Os objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade" e por esse motivo pode-se compreender a importância de preservar materialidades que tem a capacidade de testemunhar o passado, no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apontadas acima, observa-se que o ex-líbris é uma forma simbólica de memória, a medida que representa indivíduos e instituições e possibilita que a sociedade, num tempo futuro possa lembrar e recordar memórias "presas" aos vestígios. Logo, tem-se representações sociais que se materializam através de signos presentes nos ex-líbris.

Não são apenas objetos inócuos, mas artefatos que compõe a memória da sociedade e aí reside a sua grande importância, preservar narrativas de vida, aspectos culturais, sociais e simbólicos que são fontes para pesquisadores e historiadores, transformar a memória desses rastros em história.

Portanto, essas marcas de propriedade, como objetos mediadores sociais estabelecem relações documentando o passado e, com isso, tornam-se lugares de memória que permitem-nos recordar.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. **Ex Libris:** pequeno objeto de desejo. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

BODMER, Paulo. **O ex libris é o retrato do seu dono.** Disponível em: http://www.brasilcult.pro.br/ex_libris/texto.htm Acesso em 20 dez. 2019.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem:** introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Tomás R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FEDERATION INTERNACIONALE DES SOCIETES D'AMATEURS D'EX-LIBRIS (FISAE). **The Technical Symbols.** 2002. Disponível em: http://www.fisae.org/home/symbols-for-techniques Acesso em: 20 dez 2020.

FREDERIKSHAVN KUNSTMUSEUM & EXLIBRISSAMLING. Disponível em: http://art-exlibris.net/person/13466 Acesso em: 15 mar. 2019.

FURLANETTO, Beatriz Helena. A arte como forma simbólica. **R. Científica/FAP,** Curitiba, v. 9, p. 36-50, jan./jun. 2012. Disponível em: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/144/140 Acesso em: 15 jan. 2020.

GAUZ, Valeria. Ex libris III. **Infohome.** 2012. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=656 Acesso em 30 dez. 2019.

MACHADO, Ubiratan. **A etiqueta de livros no Brasil:** subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Edusp, 2003b.

MACHADO, Ubiratan. Sua excelência, o Ex-Líbris. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). **Livro dos Ex-Líbris.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 9-75.

MENDOZA, Celina. Lértora**. ¿Por que hacemos colecciones¿. Episteme**, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p.217-228, jan./juh., 2005.

MOLES, Abraham. **Teoria de los objetos:** colección, comunicación visual. Barcelona: G. Gili, 1974.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORENES, Francesc. **L'exlibrismo.** [2003[. Diponível em: <http://www.bnc.cat/expos/exlibris/portada.html>. Acesso em: 05 dez. 2018.

PEARCE, Susan M. Pensando sobre os objetos. In: MAST COLLOQUIA. **Museu:** instituição de pesquisa. Rio de Janeiro, v. 7, 2005. p. 11-22.

POTTKER, Gisele. **Ex libris: resgatando marcas bibliográficas no Brasil**. 139 f. 2006. Monografia (graduação) – Curso de Design, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: https://docplayer.com.br/16282754- Gisele-pottker-ex-libris-resgatando-marcas-bibliograficas-no-brasil.html Acesso em: 15 dez 2019.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SEGRE, Roberto et al. O Largo da Carioca no Rio de Janeiro: complexidades de um espaço urbano. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 12., 2012, Porto Alegre, 15 a 18 de outubro**. Anais...** Porto Alegre, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/14959711/O_Largo_da_Carioca_no_Rio_de_Janeiro_complexidades_de_um_espaço_urbano Acesso em: 15 jan. 2020.